CAPÍTULO VI

Oligopolização e taxa de lucro

Toda a análise até agora realizada supõe a existência de um mercado único no qual a taxa de lucro tenderia ao declínio. Essa tendência seria contrabalançada por fatores contrários ou contratendências resultantes dos esforços da classe capitalista para impedir que a taxa de lucro baixe. No último fator analisado por Marx existe uma sugestão de que estas contratendências poderiam também funcionar através de uma setorialização do mercado capitalista. Neste caso, para compensar a tendência à elevação da composição orgânica do capital, a taxa de lucro decresceria no setor competitivo e no setor estatal, que são menos sensíveis a reduções na taxa de lucro, para favorecer a acumulação no setor estratégico de acumulação capitalista moderna — o setor monopolista.

Esta hipótese parte da divisão da economia nos países capitalistas centrais em três setores: o setor capitalista competitivo; o setor capitalista tecnoburocrático oligopolizado ou setor monopolista; e o setor tecnoburocrático-estatal ou simplesmente estatal.¹

¹ John K. Galbraith divide a economia dos países capitalistas centrais em dois setores: o sistema de mercado e o sistema industrial (*The New Industrial State*, Boston, Houghton Mifflin, 1967). O sistema industrial é depois por ele chamado de sistema de planejamento (*Economics and the Public Purpose*, Boston, Houghton Mifflin, 1973). A divisão da economia em três setores — competitivo, monopolista e esta-

1

O setor competitivo é formado por milhares de pequenas e médias empresas de base familiar operando na indústria, na agricultura, no comércio e nos serviços.² É o setor capitalista por excelência. É o setor de pequenos e médios empresários burgueses que dirigem suas empresas, ou suas *firmas* para utilizar a terminologia dos economistas neoclássicos, com utilização mínima de administradores burocráticos. As duas classes fundamentais do modo capitalista de produção estão aqui claramente definidas: de um lado a burguesia, que tem a propriedade e a gestão dos meios de produção, de outro os trabalhadores assalariados que vendem sua força de trabalho no mercado capitalista. Em um sistema econômico centrado exclusivamente sobre este setor, o valor-trabalho é fundamental e diretamente condicionante para a determinação dos preços das mercadorias, na medida em que as empresas não têm poder de monopólio sobre o mercado. A coordenação do sistema é assegurada por um processo impessoal de concorrência no mercado entre um grande número de pequenas e médias empresas sem capacidade efetiva de influenciar significativamente o mercado. Neste setor o processo de generalização da mercadoria alcança sua plenitude. Todos os bens e serviços, inclusive a força de trabalho, assumem o caráter de mercadorias a serem produzidas e trocadas de forma impessoal em um mercado competitivo, no qual, entretanto, as empresas maiores podem conseguir alguma vantagem monopolista através de uma certa diferenciação dos bens que produzem.

Do ponto de vista histórico, este setor é o primeiro a ser instalado, e será ele que irá definir o modo especificamente capitalista de produção. Quando Marx fala do sistema da *grande indústria* ou da *maquinaria moderna*, que substitui o

tal — é feita por James O'Connor em *USA: A Crise do Estado Capitalista*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977 (original em inglês: *The Fiscal Crisis of the State*, 1973).

² Este setor inclui desde pequenas empresas de 5 a 10 empregados até médias empresas de porte relativamente elevado, empregando um número considerável de operários e alguns funcionários burocráticos. É difícil estabelecer um limite superior para o número de trabalhadores, mas deve ficar claro que o setor competitivo compreende empresas de porte razoavelmente grande.

sistema da manufatura e instaura o modo especificamente capitalista de produção, caracterizado pela apropriação de mais-valia relativa, está se referindo à instauração do capital industrial competitivo.³ Este processo começa na Inglaterra com a Revolução Industrial e pelo menos durante o século XIX será o setor dominante das economias capitalistas centrais e particularmente da Inglaterra.

Na segunda metade do século XIX, entretanto, começam a se desenvolver as grandes empresas monopolistas privadas. Inicialmente temos as grandes empresas de estradas de ferro e de produção de insumos básicos, como aço, petróleo. Em um segundo momento o capital monopolista atinge a produção de bens de consumo, principalmente a partir da introdução da linha de montagem na indústria automobilística. À medida em que as empresas crescem, descentralizam-se geográfica e administrativamente. Inicialmente são grandes empresas centralizadas, depois se transformam em empresas multidivisionais, e afinal assumem o caráter de conglomerados. Em outro plano, inicialmente são grandes empresas de âmbito nacional, que afinal assumem caráter multinacional.

O crescimento das grandes empresas — o processo de concentração e centralização do capital a que Marx já se referia — será acompanhado de dois processos de importância decisiva: a burocratização das empresas e a oligopolização dos mercados. A burocratização das empresas é o processo através do qual, à medida em que crescem as empresas, um grande número de tecnoburocratas, de técnicos e administradores profissionais, passa a se situar entre os capitalistas e os trabalhadores, com funções de planejamento, organização e controle da produção. Neste processo os tecnoburocratas incidentemente se subordinam, em seguida se associam e afinal substituem os capitalistas, que vão se tornando supérfluos para a coordenação da produção e tendem a se transformar em meros rentistas.

³ Ver especialmente os textos de *O Capital*, Karl Marx, Livro I, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1974, sobre a cooperação simples, a divisão do trabalho e a manufatura e a maquinaria e a indústria moderna, respectivamente capítulos XI, XII e III. Discuti o problema em "Lições do aprendiz de feiticeiro ou tecnoburocracia e empresa monopolista", capítulo XVIII de *A Sociedade Estatal e a Tecnoburocracia*, São Paulo, Brasiliense, 1981.

A oligopolização dos mercados é o processo através do qual em cada setor a produção vai se limitando a um número reduzido de empresas, agora com condições de influenciar o mercado, de produzir bens e serviços claramente diferenciados de desenvolver estratégias mercadológicas para segmentar os mercados, para diferenciar produtos através de desenho, marca e propaganda. Enquanto a empresa competitiva só conseguiria uma vantagem monopolista como fruto passageiro de uma inovação tecnológica efetiva e secundariamente através de uma certa diferenciação do produto, a empresa oligopolística procura alcançar vantagens monopolistas mais permanentes através da utilização de estratégias mercadológicas e da criação de barreiras financeiras, mercadológicas e técnicas à entrada de novos competidores.⁴ Ao mesmo tempo, entre as empresas oligopolísticas, a concorrência de preços é severamente limitada senão eliminada com a formação de cartéis. O objetivo declarado de cada empresa é aumentar sua fatia do mercado, ou seja, oligopolizar cada vez mais o mercado. O objetivo fundamental é alcançar uma taxa de lucro planejada que, no longo prazo, seja a taxa máxima possível. O objetivo intermediário básico é procurar estabilizar a margem de lucro através de uma política coordenada de preços com as demais empresas do setor. No curto prazo, entretanto, a margem de lucro (lucro sobre a venda) pode variar para compensar as variações cíclicas de vendas e estabilizar a taxa de lucro (lucro sobre o capital). Nesses termos, as margens de lucro tendem a reduzir-se na expansão e aumentar na fase recessiva do ciclo.

O crescimento das empresas, a sua burocratização e a oligopolização dos mercados são assim processos correlatos através do qual a classe capitalista situada no setor monopolista procura impedir o declínio de sua taxa de lucro. O crescimento das empresas antes do que a imposição tecnológica decorrente de economias de escala é uma necessidade merca-

⁴ Observe-se que a concorrência monopolista é a rigor uma situação intermediária entre o mercado competitivo e o mercado oligopolista. Decidimos, entretanto, situar as empresas que operam com regime de concorrência monopolista no setor competitivo, seja por suas dimensões, seja por seu fraco poder sobre o mercado, seja pelo fato de que o poder tecnoburocrático é em geral ainda muito pequeno nessas empresas.

dológica fruto das vantagens da oligopolização. Decorre também das vantagens financeiras relacionadas com a centralização do capital. E em determinados setores industriais decorre de vantagens técnicas estritamente relacionadas com as economias de escala. A burocratização das empresas, por sua vez, é não apenas uma estratégia de controle disciplinar dos trabalhadores, mas também uma decorrência necessária do crescimento das empresas.

2

A oligopolização das empresas é uma forma através da qual uma parte do lucro se transfere do setor competitivo para o setor monopolista da economia. A oligopolização é também uma estratégia de transferência de excedente dos trabalhadores do setor competitivo para o setor monopolista. Os trabalhadores do próprio setor monopolista só são prejudicados na medida em que o rebaixamento dos salários do setor competitivo rebaixe os salários do setor monopolista. Estes, entretanto, em geral são mais altos do que no setor competitivo, em função inclusive da existência de sindicatos melhor organizados na área das grandes empresas.

Na medida em que as empresas oligopolistas podem manipular seus preços e as do setor competitivo não, as taxas de lucro tendem a ser mais altas no setor monopolista. As barreiras à entrada impedem que os capitais se movam livremente do setor competitivo para o setor monopolista e assim pressionem os preços para baixo neste último setor. Na medida em que a composição orgânica do capital de toda a economia tenda a crescer ou que a taxa de mais-valia tenda a cair, a taxa de lucro do setor monopolista é mantida, caindo apenas a do setor competitivo. Isto é possível na medida em que o primeiro setor tem controle sobre suas margens de lucro sobre a venda enquanto que o segundo não.

Esta capacidade do setor monopolista de alcançar taxas de lucro mais elevadas do que as do setor competitivo pode também ser explicada através da utilização da teoria da deteriorização das relações de troca ou da troca desigual para o âmbito interno dos países capitalistas centrais. Tanto nas pequenas empresas do setor competitivo quanto nas grandes

empresas do setor monopolista ocorre progresso técnico, ainda que neste último o ritmo de desenvolvimento tecnológico possa ser maior. De acordo com a teoria neoclássica baseada em trocas competitivas e mobilidade de fatores em um ambiente institucional com mercados auto-regulados e harmônicos, todo e qualquer progresso técnico deveria refletir-se imediatamente em baixa do custo de produção e, em consequência, em uma redução de preços de forma a beneficiar toda a economia. Schumpeter, através de sua teoria da inovação, propôs que essa baixa de preços não fosse imediata, criando uma vantagem monopolista para o empresário inovador, mas essa vantagem depois de um tempo relativamente breve seria eliminada. Se um setor industrial incorporasse desenvolvimento tecnológico mais rapidamente do que outro a teoria neoclássica ensina que deveria haver uma mudança nos preços relativos, na medida em que a indústria tecnologicamente mais dinâmica faria seus preços baixar mais rapidamente. A teoria clássica do valor de Ricardo e de Marx, por sua vez, na medida em que parte do pressuposto de competição perfeita, chega às mesmas conclusões. A teoria do valor de Ricardo e de Marx, no que diz respeito à determinação dos preços, é fundamentalmente uma explicação para as alterações nos preços relativos.

Ora, nas relações entre o setor monopolista e o competitivo, esse processo de transferência dos ganhos de produtividade que estamos descrevendo ocorre de forma unilateral. Enquanto o setor competitivo se comporta de maneira prevista, transferindo os seus ganhos de produtividade para toda a economia através de baixa de preços, o setor monopolista não realiza senão parcialmente essa transferência. Quando a incorporação de um determinado progresso tecnológico permite a redução dos custos de produção, em primeiro lugar esta redução só ocorre parcialmente porque os trabalhadores sindicalizados têm estipulado em seus contratos coletivos de trabalho que os salários aumentarão proporcionalmente ao aumento da produtividade. Em segundo lugar a transferência dos ganhos de produtividade não ocorre ou ocorre muito limitadamente porque as empresas com poder sobre o mercado aproveitam a oportunidade para administrar seus preços e aumentar suas margens de lucro sobre a venda. Em consequência, na medida em que os pressupostos relativos à com-

petição perfeita deixam de operar, verifica-se uma transferência de mais-valia do setor competitivo para o monopolista. E as empresas deste setor, graças a suas maiores taxas de lucro, apresentam uma aparência de maior eficiência ou produtividade em grande parte senão totalmente enganadora. Sem dúvida a avaliação da eficiência só pode ser feita comparativamente, mas a comparação jamais pode ser feita entre empresas de ramos industriais diferentes. Só empresas produzindo o mesmo tipo de produto podem ser comparadas. E nestas condições não há nenhuma razão para se imaginar que as grandes empresas sejam mais produtivas porque são mais lucrativas. Esta maior lucratividade é função de um poder de monopólio que as pequenas empresas não possuem.

Esta setorialização da economia capitalista é perfeitamente funcional para o prosseguimento da reprodução ampliada do sistema na medida em que existe abundância de capital no setor competitivo enquanto que ainda existem bolsões de carência de capital no setor monopolista. Havendo abundância de capital no setor competitivo, a baixa da taxa de lucro não tem efeito particularmente negativo sobre a taxa de acumulação. Na falta de alternativas não resta aos pequenos e médios capitalistas empresários senão acumular ainda que com uma taxa declinante de lucro. Por outro lado, no setor monopolista ainda existem subsectores com falta de capital, especialmente porque nesse setor se concentram as indústrias tecnologicamente de ponta, onde a expansão do sistema está ocorrendo de forma prioritária. A sustentação da taxa de lucro nesse setor é assim importante para a sobrevivência do sistema como um todo. A oligopolização da economia é portanto uma contratendência à tendência declinante da taxa de lucro na medida em que a transferência de excedente do setor competitivo para o oligopolista garante a este, que é agora o setor chave da economia, uma taxa de lucro que por convenção seja momentaneamente adequada para o prosseguimento da acumulação.

Se acrescentarmos a esta análise a consideração de que os capitalistas e tecnoburocratas do setor monopolista tendem a possuir um poder político sobre o Estado maior do que o detido pelos capitalistas do setor competitivo, compreenderemos que são sólidas as bases desta divisão da economia capitalista entre um setor monopolista, dinâmico e burocratiza-

do, tecnologicamente avançado e alcançando elevadas taxas de lucro, e um setor competitivo em crise crônica, ainda que constantemente se renovando, alcançando em média taxas de lucro inferiores. A análise do terceiro setor, o setor estatal será feita no próximo capítulo, quando examinaremos a tendência à estatização.⁵

⁵ Em *Estado e Subdesenvolvimento Industrializado*, São Paulo, Brasiliense, 1977, 3ª Parte, fizemos também esta distinção entre um setor competitivo e um setor monopolista, mas, como tínhamos outros critérios de classificação além dos que estamos utilizando aqui, chamamos o primeiro de setor capitalista tradicional e o segundo de setor capitalista moderno. Neste último incluímos o setor produtivo estatal, que no presente trabalho é separado.